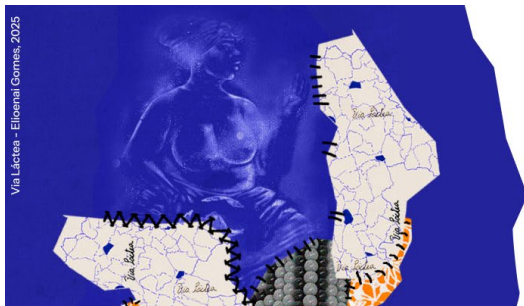




## O BARRO COMO ESCOLA - ENTRELAÇAMENTOS ENTRE A VIDA E A ARTE

### CLAY AS A SCHOOL - INTERTWISTS BETWEEN LIFE AND ART

Juliana Gouthier Macedo<sup>1</sup>

Escola de Belas Artes - UFMG

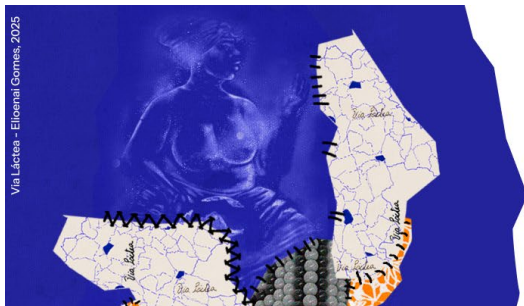
**Resumo:** Este artigo é um dos desdobramentos da pesquisa de pós-doutorado *A Mulher e o Barro - resistências e reinvenções no aprender/ensinar/criar*. A convivência com cerca de 20 mulheres que trabalham com a cerâmica evidenciou a potência do barro nos processos de ensinar/aprender arte e, com isso, foi construída a proposição de pensar o barro como escola, escola como espaço de conviver, de aprender, de ensinar, de inventar, em diálogo com Eisner, mas também escola como linha de pensamento, que se constrói com trocas, costuras, frestas, na imprevisibilidade da existência, fundamentado na escuta multidimensional proposta por Caesar. Considerando que o barro traz histórias, evoca memórias e sonhos e nos coloca frente a frente com as questões ambientais, com os desequilíbrios profundos dos tempos contemporâneos, a sua presença na escola foi também tecida a partir de conexões com a nossa ancestralidade, ancoradas em Mãe Celina de Xangô e Ailton Krenak. Nessa confluência de histórias, as ações construídas por diferentes artistas - como Celeida Tostes, Ducarmo Barbosa, Josi e Salisa Rosa - podem habitar a escola, possibilitando encontros poéticos com a terra, com o barro e apontando alguns princípios imprescindíveis para a resistência e a reinvenção da nossa existência.

**Palavras-chave:** barro; cerâmica; escola; educação, arte.

**Abstract:** This article is one of the outcomes of the postdoctoral research *The Woman and the clay – resistances and reinventions in learning/teaching/creating*. The residency with about 20 women who work with ceramics highlighted the power of clay in the processes of teaching and learning art. From this experience emerged the proposition of thinking of clay as a school: a school as a space for living together, learning, teaching, and inventing, in dialogue with Eisner, but also a school as a line of thought built through exchanges, stitches, and cracks, within the unpredictability of existence, grounded in Caesar's proposal of multidimensional listening. Considering that clay carries stories, evokes memories and dreams, and brings us face to face with environmental issues and the profound imbalances of contemporary times, its presence in the school was also woven through connections with our ancestry, anchored in Mãe Celina de Xangô and Ailton Krenak. In this confluence of histories, the actions of different artists — such as those of Celeida Tostes, Ducarmo Barbosa, Josi, and Sallisa Rosa— can also inhabit the school, opening poetic encounters with the earth and with clay, and pointing to essential principles for the resistance and reinvention of our existence.

**Keywords:** clay, ceramics, school, education, art.

<sup>1</sup> Professora Associada da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutorado com Bolsa Sanduíche no Exterior, da CAPES, na NYU. Mestrado e Doutorado em Artes (UFMG), Pós-Doutorado em Artes (USP) e Pós-Doutoranda em Artes (UNESP). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. Atuou na educação básica e em ONGs, participa de exposições coletivas e de intervenções urbanas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6888009221825715> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0226-542X>



## PONTO DE PARTIDA

Após um ano envolvida com a pesquisa de pós-doutorado - ***A Mulher e o Barro - resistências e reinvenções no aprender/ensinar/criar***<sup>2</sup> -, quando tive a oportunidade de conviver e conversar com quase 20 mulheres que trabalham com a cerâmica, em diferentes regiões do Brasil e na Amazônia peruana e colombiana, a percepção do barro como escola se escancarou. Colocar as mãos na terra, é sempre uma experiência de aprendizado que, independentemente da intenção, pode reverberar na arte, na poética da nossa existência, no nosso modo de ensinar/aprender.

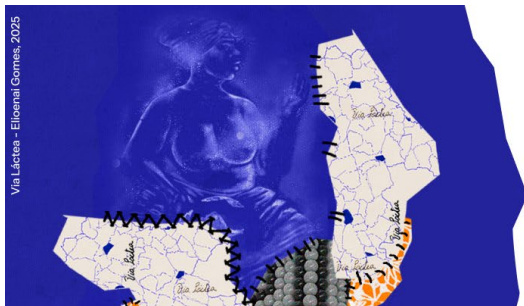
Esse entendimento foi catalisado pela leitura de Caesar (2024), na sua abordagem da escuta como um ato multidimensional, prático e poético, que evoca múltiplos cruzamentos sensoriais. Considerando que os sentidos, por sua vez, não mais se circunscrevem aos cinco mais conhecidos – tato, paladar, olfato, audição e visão ele diz:

Estudos cognitivos mais ou menos recentes têm atualizado a lista sensorial, adicionando a dor, a propriocepção, o equilíbrio, a aceleração, o estímulo sexual, a fome, a sede – e talvez em breve algum outro sentido será incluído -, perfazendo, pelo menos até o dia desta contagem, um total de doze. A nova quantidade já possibilita uma combinação muito maior de interseções [...] entre os sentidos antigos com antigos, antigos com novos e novos com novos. (Caesar, 2024, p.32)

Por essas e outras, pensar o barro como escola, não é nenhuma novidade, mas uma atenção à escuta ao mundo em que vivemos e nas relações que esse convoca, como descrito na apresentação do Caderno-ensaio Barro, publicado pelo Instituto Tomie Ohtake:

Para falar sobre o barro sem ignorar sua complexidade e sua potência, é preciso passar pelos assuntos que são atravessados por ele, como ancestralidade, ciclos da natureza, cosmologias de diferentes povos,

<sup>2</sup> Pesquisa realizada entre agosto de 2024 e julho de 2025, no Instituto de Artes da Unesp (SP), sob supervisão da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Luciana Berti Bredariolli.



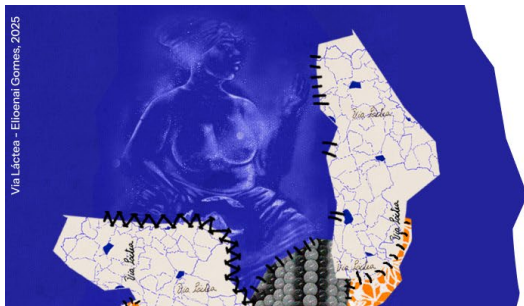
ciência, espiritualidade , arte, educação e cultura (Instituto Tomie Ohtake, 2024, p. 21).

Nesse caminho, o barro traz histórias, evoca memórias e sonhos e nos coloca frente a frente com as questões ambientais, com os desequilíbrios profundos dos tempos contemporâneos, nos convocando a reaver as conexões com a nossa ancestralidade, aqui tecidas com Mãe Celina de Xangô (2024) e Ailton Krenak (2022). Mãe Celina e Krenak nos trazem as dimensões de saberes que nos conectam de forma profunda com a terra, num sentido de respeito e de um entendimento da terra como nossa mãe, diametralmente oposta ao modo de vivermos apartados da consciência planetária, como “povo da mercadoria”, segundo o xamã yanomami Davi Kopenawa.

Em meio à emergência ambiental, estamos vivendo tempos confusos, tensos, difíceis. Em um mundo em crise, desequilíbrios intensos se manifestam diante dos nossos corpos atônitos. Certezas, verdades, parâmetros vão se desintegrando. O movimento nos assusta e nos desloca, trazendo, a concretude da impermanência que, paradoxalmente, abre novas brechas, instaurando a necessidade de buscarmos outros caminhos, outras relações. O ensinar/aprender arte não fica imune. Pelo contrário, as proposições de Eisner, ao invocar princípios da arte na problematização dos processos educativos, podem trazer pistas importantes no enfrentamento desse contexto contemporâneo. Se, por um lado, nós “tendemos a fazer coisas que sabemos como prever e controlar”, por outro, a imprevisibilidade evidencia uma das lições que “a educação pode aprender das artes”: a de nos rendermos “àquilo que o trabalho em processo sugere” (Eisner, 2007, p. 11) Por fim, as produções de Celeida Tostes, Ducarmo Barbosa, Josi e Sallisa Rosa apontam diálogos possíveis entre as pontas soltas, atravessando os múltiplos caminhos da terra na tessitura do barro como escola.

## ESCUTANDO AS PEGADAS

*[A arte] é uma forma maravilhosa de se ausentar do mundo por algum tempo, uma das melhores formas de estar fora da realidade por algum tempo. Mas, também pode ser muito mais do que isso, pode ser uma das formas mais impressionantes de entrar no mundo, de entrar no mundo de uma forma plenamente humana e crítica. A experiência, direta ou indireta, com a Arte é um caminho que nos*



*ajuda a pensar mais intensa e crítica sobre muitas das questões prementes da realidade.*<sup>3</sup>

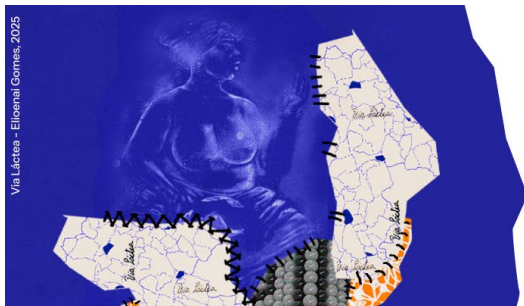
**Arthur Nestrovski**

Depois de uma intensa convivência com mulheres que lidam com o barro em seu cotidiano, atenta à sua complexidade na perspectiva da escuta multidimensional proposta por Caesar (2024), comecei a sentir que o meu mundo se encheu de terra, como se o barro se entranhasse pelo meu corpo. Em mais de 20 anos aprendendo, ensinando e criando com o barro, nunca havia feito um mergulho tão profundo nas sutilezas que envolvem a terra no processo de ensinar/aprender. Um desdobramento do ato de escutar que Caesar sintetiza na contracapa do seu livro: “escutar pode implicar em ficarmos atentos não só ao que excita nossa atenção auditiva, mas também a nós próprios, a como somos e estamos, ao porquê e como aquilo que soa nos fala”. Aos poucos, todos os ruídos que percebia foram configurando a proposição do barro como escola. Um entendimento construído a partir das experiências com culturas diversas e mulheres singulares. Mulheres que, vivendo numa espécie de amalgama com a terra, com a lama, com a argila, com suas cores e texturas, fundaram em mim um outro modo de conhecer, de estar no mundo. Um modo que diz respeito à arte, mas também à vida, estabelecendo o barro como um princípio.

Nesse emaranhado que reverbera da atenção, emergiram presenças diversas, com suas marcas culturais e ideológicas, envolvendo compreensões e alcances a mundo(s) possíveis e, por vezes imperceptíveis, incluindo seres ocultos, ou simplesmente desconsiderados num modo de viver colonizado e apartado das múltiplas existências. Na quase ausência de mim, como que encantada pelas mulheres que me receberam em suas casas, seus ateliês, oficinas, partilhando seus saberes, suas histórias, memórias, dores e vitórias, me vi, com as mãos e os pés literalmente fincados no barro, traçando pontes e buscando – ou imaginando - nexos com o diverso, no sentido que Glissant define como “diferenças que se encontram, se ajustam, se opõem, afinam-se e produzem o imprevisível” (2005, p.116).

---

<sup>3</sup> Adaptação da fala do diretor artístico da Orquestra Sinfônica de São Paulo (OSESP), Artur Nestrovski, em 25 de agosto de 2010, na Sala São Paulo, na abertura da programação do *Música na Cabeça*.

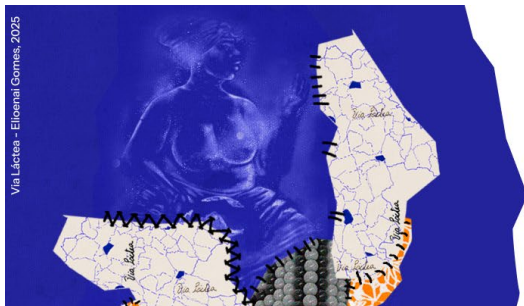


Alimentada pela trilha em busca de tecer uma conexão de origem, da terra como ancestralidade, caminhei com os ensinamentos de Mãe Celina de Xangô e Ailton Krenak, em consonância com os das mulheres com quem estive. Mãe Celina me apresentou a compreensão do barro como “uma questão espiritual e ancestral”. Para ela, “se você não estiver com os pés fincados na terra, não adianta buscar forças para realizar o que quer que seja. É da terra que viemos e é para ela que voltaremos” (Xangô, 2024, p.123). Ela também nos diz da importância de “saber onde pisar” e, mais do que isso, do cuidado que devemos ter ao pisar sobre a terra, “já que toda nossa vivência depende dela” (p.125).

Foi com os pés imersos no barro, que me aproximei da força das palavras do filósofo originário Ailton Krenak, que nos provocan a pensar uma espécie de apartamento da terra do nosso cotidiano, através da construção de uma associação dessa com a sujeira: “No Ocidente, uma criança com sete, oito anos de idade já começa a ser treinada para ignorar o meio ambiente” dentro de uma “educação sanitária”, que ensina à criança que ela “não deve mexer na terra para não sujar as mãos” (Krenak, 2022, p.109). Ressaltando a contradição desse processo, uma vez que boa parte da população não tem acesso ao saneamento básico, e questionando “quando foi que a terra virou sujeira”, Krenak afirma que “o bombardeio sanitário na cabeça das crianças [...] está diretamente ligado com essa forma de ver o mundo como um almoxarifado e está no cerne da crise ambiental que estamos enfrentando hoje” (p.110).

## **TERRITÓRIO DE SURPRESAS**

Ao encontrar nas artes estratégias para pensar a educação de um modo mais aberto, Eisner aposta na capacidade dessas de nos ensinar a aceitar a incerteza e aprender com ela. Para o autor, se a “incerteza não é uma qualidade penetrante no nosso meio ambiente educacional corrente”, essa deveria “estar entre os valores que amamos”. Em outras palavras, Eisner é enfático ao afirmar que “a incerteza precisa ter o seu próprio lugar nos tipos de escolas que nós criamos”, deixando como desafio a inserção do inesperado, da surpresa no cotidiano da sala de aula.

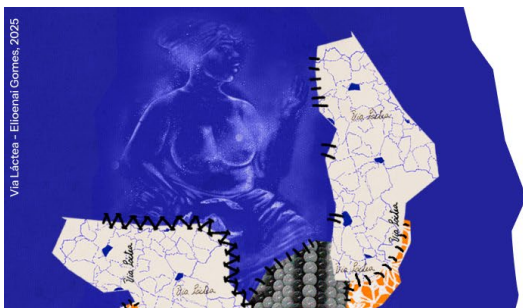


Sem desconsiderar outras tantas proposições possíveis, a ideia aqui é a de pensar a terra, o barro, como um elemento capaz de problematizar a necessidade de se aderir rigorosamente a um plano pré-estabelecido. Se nas artes a imprevisibilidade se escancara, no barro e, mais ainda na cerâmica, que envolve a queima, a incerteza e a surpresa são permanentes. Por mais que se conheça o barro, o forno e os procedimentos técnicos, ao lidarmos com esses elementos, lidamos com o inesperado.

O barro como escola carrega a potência para enfrentar “a complexidade movediça da realidade” (Gorz, 2008, p.40), a partir da sua presença na existência de todos os seres, no epicentro da crise ambiental na qual estamos imersos/as. A terra que nos acolhe, nos desafia, é transformada pelas mãos de artistas de diferentes percursos, territórios e culturas. É essencialmente diversa em cores, texturas, composição. É capaz de ser única, rara ou preta, mas sempre coletiva, generosa em sua presença disseminada onde quer que estejamos, garantida a poucos em títulos de posse. Mas, a despeito de sua abundância, em sua materialidade, é também mercadoria com acesso limitado, seja ela cercada ou ensacada e etiquetada.

## **O BARRO COMO ESCOLA – ENCONTROS POSSÍVEIS**

Embora a terra, capaz de assumir uma infinidade de formas, esteja em todas as escolas, nem sempre é percebida em sua presença, sucumbida pela pressão do concreto ou do chão cimentado. Mas, independentemente de a percebermos ou não, está sob nossos pés, encerrando, nela mesma, sua força de ação no mundo, por vezes manifestando-se em pequenas rachaduras, se deixando antever entre ramos verdes de uma planta que a encontrou como uma brecha para existir. Em qualquer escola é possível encontrar um pouco de barro e, com algumas conversas, há quase sempre pistas para se chegar a um bocado de argila. Se nas cidades grandes a fonte costuma ser distante, nas áreas rurais e cidades menores, tudo é mais perto. Mas, se não se tem argila, certamente o barro está por lá, como potência poética ao entrelaçarmos educação e artes visuais.



Nesse sentido, pensar o barro como escola, é vislumbrar uma amplitude de saberes que ele guarda e que nos provoca em diferentes perspectivas, a partir de confluências de histórias, muitas delas incorporadas como rastros, resíduos em nossos corpos (Glissant, 2005, p.82). Histórias essas capazes de brotarem a partir da obra de diferentes artistas que podem ser convidadas a habitar a escola, possibilitando encontros poéticos com a terra, com o barro. Histórias que nascem, por exemplo, de um bocado de terra que escorre pelas mãos. Uma pista é a epígrafe do livro *Arte do fogo, do sal e da paixão* - Celeida Tostes :

*Quando você quiser entender a vida – e a arte  
 – com os olhos e o coração da Celeida Tostes,  
 recolha a terra sobre a palma da sua mão e  
 lentamente deixe-a escorrer por entre os dedos.  
 Você então descobrirá que a vida é a ação  
 do espírito, que impulsiona essa experiência,  
 e do corpo, que é esse pó que sai de sua mão,  
 dança no ar e retorna ao chão.  
 Quanto à arte... a arte é o vento... (Costa, 2003, p.3)*

Continuando no atravessamento com Celeida Tostes, uma de suas obras emblemáticas é *Passagem* (Imagem 1), de 1979, quando “em seu apartamento, no Rio de Janeiro, cobriu seu corpo com argila e submergiu em um grande vaso de barro fresco. Duas assistentes cobriram até fechá-lo” (Quintella, 2024, s/p.) Na sequência a artista “rompeu a estrutura projetando seu corpo para fora, fazendo-se criatura de sua própria obra”. Em seu processo poético, Celeida também atuou como educadora e em projetos comunitários, “o que aproximou seu trabalho de uma dimensão coletiva e compartilhada”, quando passou a elaborar projetos envolvendo várias pessoas. Um exemplo são os *Amassadinhos* (Imagem 2), obra que esteve na 21ª Bienal de São Paulo, “feitos a partir do que a artista chamou de gesto arcaico: a ação simples da mão que fecha em seu bojo o barro macio, sem grandes intenções escultóricas senão cunhar uma espécie de impressão digital” (Quintella, 2024, s/p.). Foram produzidas, em mutirão, 20 mil peças, promovendo o encontro de muitas e diversas mãos, como de crianças, doutores, empregadas domésticas e presidiários.

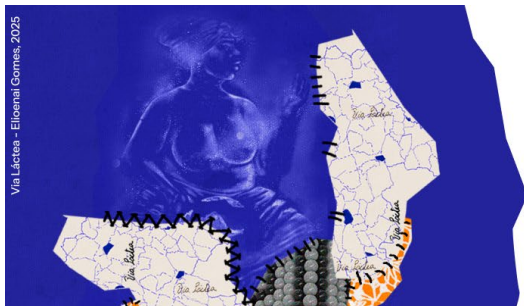


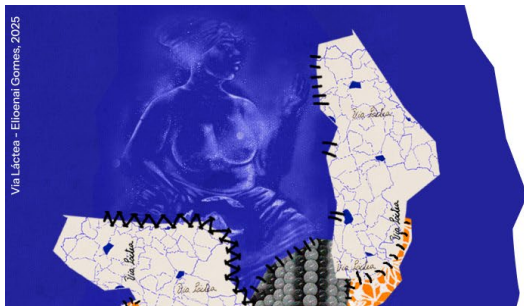
Imagem 1: Cenas de Passagem. **Fonte:** COSTA, Marcus Lontra; SILVA, Raquel (orgs). **Celeida Tostes**. Realização: Memória Visual. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.



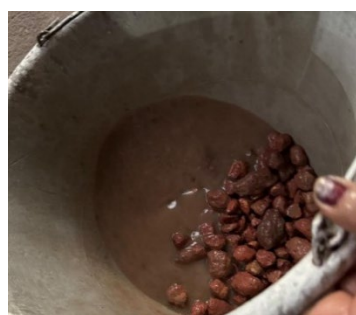
Imagem 2: Amassadinhos (detalhe). **Fonte:** COSTA, Marcus Lontra; SILVA, Raquel (orgs). **Celeida Tostes**. Realização: Memória Visual. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014

Também em suas cores, o barro como escola abre um leque de opções para se fazer presente. Como pigmento, se adequa a um sem-número de superfícies, como o papel, o tecido, as paredes, o corpo e a própria terra. Em sua materialidade e plasticidade, como argila, também em uma infinidade de matizes, pode ser moldada, assumindo diferentes configurações. E uma vez queimada, dando corpo à cerâmica, deixa de ser terra, encerrando em si a memória da terra, da água e do fogo.

Maria do Carmo Barbosa Sousa, conhecida como Ducarmo Barbosa, é uma pesquisadora das cores do barro. Ceramista de Coqueiro Campo, no município de Turmalina, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, e coordenadora do projeto Circuito de formação artesanal em barro, é fascinada pela diversidade das terras que encontra no Vale. Além de usar o barro da sua região para construir suas peças (Imagem 3), é de lá que extrai novas cores para a pintura com os oleios (tintas feitas



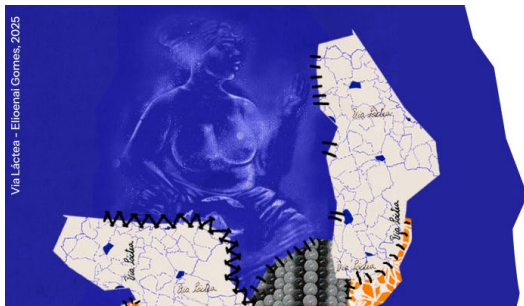
com a terra). Apesar de usar uma paleta de 13 cores (Imagem 4) nas oficinas que promove, em diferentes lugares por onde anda, não se cansa de continuar buscando outros tons, seja com outras terras que encontra ou pelas misturas que vai testando, na elaboração cuidadosa dos seus oleios (Imagem 5), que vai fazendo, vai guardando, vai usando, dividindo, ensinando, reinventando.



Imagens 3, 4 e 5 – Peça produzida por Ducarmo Barbosa (3) – Paleta de Cores (4) - Produção de óleo (5) - Fotos da autora

Josi é outra artista nascida no Vale do Jequitinhonha, em Itamarantiba, atenta às cores da terra. Em “sua obra mistura lembranças e experiências cotidianas que entrelaçam memória, ancestralidade e fabulação, a partir de artesanias várias, como a pintura (Imagens 6 e 7), a lavagem de roupa, a escrita, o desenho, a cozinha e a cerâmica” (Instituto Tomie Ohtake, 2024, p. 205). No texto poético que escreve no Caderno - Ensaio 1 O Barro, tece pistas “para encontrar grãos de água e gotas de terra”:

Se você pisa no asfalto, deve olhar para as trincas, porque sempre existe uma. Talvez um buraco, trilha onde nasceu mato na fissura. Ou, quem sabe, você ache terra na unha de um pombo, um recado de longe? É bom fazer ouvidos! Ou um risco de pó que ainda respira em algum rabanete, no sacolão, na raiz de um alface. Raízes podem resistir terra. [...] A raiz pode ser pincel para desenhar barreiros e rios no asfalto, polvilhar no cimento, no chão da escola, na calçada, no terreiro. Ou para abrir cores numa parede, rastejar uma serpente, como daquele arco-íris que veio na unha dos seus pés, do chão. (Josi, 2024, p. 145)

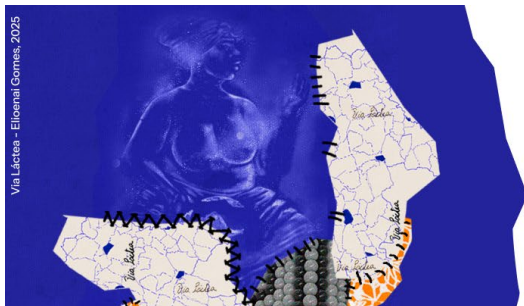


Imagens 6 e 7 - Josi - Fiação de barro - Fotografias de Daniel Mansur, 2024. Série: grão de água, gota de terra, 2024 (p. 28 e 29) Terras de Morro Vermelho (MG), Entre Rios (MG), Sítio do Mocó (PI) e Tabatinga do Vale do Jequitinhonha (MG) sobre tecido costurado em bambu - 184 x 105 cm - Coleção da artista – Fonte:

[https://www.institutotomieohtake.org.br/wp-content/uploads/2024/10/barro\\_cadernos-ensaio\\_20241022.pdf](https://www.institutotomieohtake.org.br/wp-content/uploads/2024/10/barro_cadernos-ensaio_20241022.pdf) - Acesso em 02 jul.2025

Imersa na imprevisibilidade do barro, da cerâmica, Sallisa Rosa, de Goiás, busca pistas da sua própria ancestralidade, como no seu trabalho *Topografia da Memória* (Imagem10), exibida entre março e julho de 2024, na Pinacoteca de São Paulo. Com mais de 100 peças construídas a partir do barro coletado (Imagem 8) e modeladas à mão (Imagem 9), a obra é “uma instalação imersiva que investiga o tema da memória, em particular, a forma como a memória pode ser reprogramada” (Pinacoteca SP, 2024, p.4). A coleta do barro é um dos princípios que orienta o processo de criação de Rosa, numa aproximação com os saberes tradicionais e na sua percepção de “que a cerâmica tem a capacidade simbólica de armazenar a memória e nos ajudar a recordar” (Pinacoteca, 2024, p.4).

Seu percurso artístico é marcado pela construção de instalações “com a terra em diversas materialidades, como plantio, barro e cerâmica”. E, nesse caminhar, Sallisa Rosa deixa claro a centralidade do seu “comprometimento com práticas artísticas voltadas para construções coletivas, no sentido de desdobrar ações que culminam em partilhar saberes” (Pinacoteca, 2024, p.26). Um movimento permanente em sua produção, que envolve também outras de suas obras e ações, como *Corpo-terra: memória corporal de um território*, um projeto de formação desenvolvido em julho de 2025, em parceria com a plataforma LASTRO e o JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Nessa sua proposição, Rosa “aborda o tema da memória e do esquecimento relacionado à ideia de pertencimento ao território, trabalhando com a materialidade da terra e do corpo” (La Escuela, 2025).



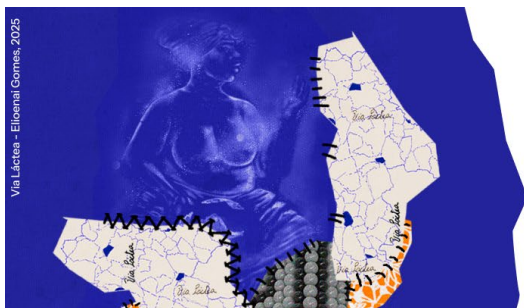
Imagens 8, 9 e 10 – O barro coletado à mão (8); a construção da manual das peças (9) e a instalação Topografia da Memória – **Fonte:**

<https://www.audemarspiquet.com/com/en/news/art/Sallisa-Rosa.html> - Acesso: 05 set 2025.

## ENTRELAÇAMENTOS

Como matéria onipresente em nossas existências, a terra - a despeito da força do cimento, do concreto e do modo de vida ocidental, construído como que apartado da natureza - se revela como fonte potente de conexão entre diferentes saberes, seres e tempos. A ideia do barro como escola, entrelaçando experiências, ancestralidade, poéticas, artistas, educação é uma pista para vislumbrarmos caminhos anunciados em confluências de trajetórias e territórios que nos convocam a reaprender a viver na terra, com a terra, a recuperar saberes que nos ensinam alguns princípios imprescindíveis para a resistência e a reinvenção da nossa existência a partir dos vestígios, dos rastros que ela guarda e que muitas vezes não percebemos, não olhamos, não sentimos, não escutamos.

O barro como escola é uma proposição que se contrapõe à dissociação da natureza no “mundo dos brancos”, como nos ensina Ailton Krenak (2022). O barro como escola é um encontro possível, por exemplo, com o modo que as crianças Krenak lidam com a terra, ao valor atribuído por elas aos mais velhos, “às pessoas antigas” e ao entendimento do coletivo como – independentemente da situação - mais importante do que o individual. Ao falar sobre “o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração”, Krenak nos provoca a nos entendermos como formas de vida conectadas com a terra, mas também, com outros seres, com os rios, com as pedras, com o cosmos, encerrando seu livro *O Futuro Ancestral*, com uma



pista preciosa :” O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra” (2022, p. 118).

## REFERÊNCIAS

- CAESAR, Rodolfo. **Fábulas para a escuta**. Rio de Janeiro: Numa Editora 2024.
- COSTA, Marcos L. Catálogo da Exposição **Arte do Fogo, do sal e da paixão** – Celeida Tostes. Rio de Janeiro, CCBB, abril/jun. 2003.
- COSTA, Marcus Lontra; SILVA, Raquel (orgs). **Celeida Tostes**. Realização: Memória Visual. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.
- EISNER, Elliot E. **O que pode a Educação aprender das Artes sobre a prática da Educação?** *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GORZ, André. **Carta a D. História de um amor**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Caderno-ensaio 1: Barro**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2024.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- LA ESCUELA. **Aulas: Sallisa Rosa - Corpo-terra: memória corporal de um território**. La Escuela, 2025. Disponível em: <https://laescuela.art/es/campus/classrooms/local/cuerpo-tierra-sallisa-rosa> Acesso: 05 set de 2025.
- PINACOTECA DE SÃO PAULO. Catálogo da Exposição **Topografia da Memória**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2024
- QUINTELLA, Pollyana. **Celeida de terra e fogo**. In: Celeida Tostes – Vênus Ancestral. São Paulo: Galeria Superfície, 2024. Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/app/uploads/2024/05/Ve%CC%82nus-Ancestral-Celeida-Tostes-2024-Preview-IMP-COMP.pdf> – Acesso: 03 jun. de 2025
- XANGÔ, Mãe Celina de. **Saber onde pisar**. In: Barro - Caderno Ensaio 1. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2024, p.117-125.